

A PALAVRA, O TODO

JOSÉ CARDOSO PIRES

Lembro-me de ter chegado aí, à redacção da *Vértice*, na rua das Fangas, com os meus vinte anos mais ou menos à balda e o original dum livro de contos debaixo do braço. Conheci então o Joaquim Namorado e o Egídio, o Rui Feijó e o Luís Albuquerque, tudo nomes que nós em Lisboa sabíamos de leitura e discutíamos à mesa do café. Namora era outro citado que nos chegava apenas pelo texto e imaginávamo-lo longe no Alentejo, onde iria nascer pouco depois o perturbante e comovedor universo dos *Retalhos da Vida dum Médico*, e Redol, esse então já consagrado, andava por outros meridianos ou julgávamos nós que andava. Aqui, Lisboa, apenas uma presença visível do movimento renovador da nossa literatura: Mário Dionísio. Ele sacudia com os seus escritos teóricos toda a nossa geração e publicara *O Dia Cinzento*: raras vezes um livro, tão original e transformador, foi tão abafado pela polémica e pela distorsão.

*Ah de que serve tanta grita
a desdizer a impedir
o que tem força de si mesmo?*

perguntaria depois o próprio Mário Dionísio. Mas a grita existia, era estertor cego em muitos casos. E a força sentíamo-la nós, jovens aprendizes de literatura, e vinha-nos do punhado de vozes dos *Novos Prosadores* e do *Novo Cancioneiro* que quebravam a rotina e os limites das nossas letras. A de Carlos de Oliveira, entre as maiores.

E era aqui que eu queria chegar, a essa tarde em que subi à redacção da *Vértice* e vi o Carlos de Oliveira. Vi-o apenas — e essa imagem inicial iria ficar-me para sempre: de pé, numa tarde outonal e solitário, ali estava o romancista que eu aprendia no prazer difícil da escrita mais exigente e despojada.

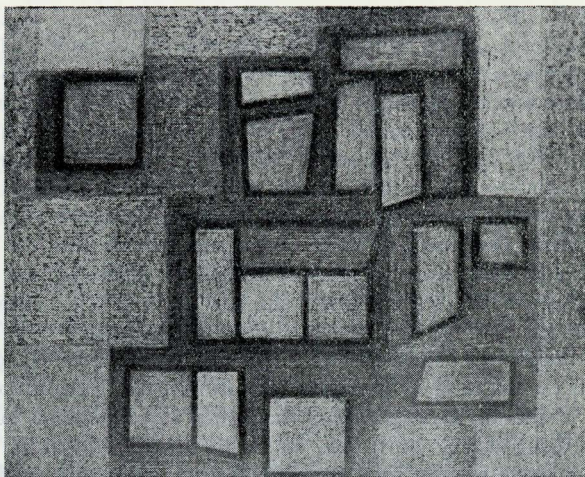
Solitário, disse eu. Verdade, assim me apareceu e assim o li toda a vida. Poucos escritores, que eu saiba, se alimentaram de tão voluntária solidão no acto de escrever e poucos, também, guardaram apesar disso uma tão sentida solidariedade com o seu tempo. Ideias, amigos, mundo, tudo isso era vivido e registado sem a menor exibição. Sim, nós sabemo-lo, os que o conheciam. E os que sabiam lê-lo, estava lá tudo. Sedimentava, ganhava memória; surpreendia mesmo através do silêncio, como certos versos dele, certas paisagens.

«Onde acaba a poesia e começa a prosa de Carlos de Oliveira?», perguntou alguém (Mário Dionísio) que ele lia com constante dedicação. E eu vou a um exemplo mais recente, o romance *Finisterra*. *Finisterra*, esse de *profundis* por um mundo velho e funâmbulo, onde se enuncia ele afinal senão nos versos de *Entre Duas Memórias*, de 1971? Ácidos, livores, salitres (a decomposição da paisagem) não é isso que já estava ali prefigurado? E a escrita (levantamentos, topografias, arsenais oficiais), a escrita do poema não é na verdade tão irmã, tão justaposta às vezes à do seu último romance?

Um todo, «tudo isto forma um todo» (Mário Dionísio, ainda). E esse todo, sempre que recordo Carlos de Oliveira, prolonga-se-me dos seus livros e confunde-se-me com ele próprio. Reconheço-lhe na voz oral o tom dos versos, a mesma gravidade de contar, o mesmo desencanto confiante, o gosto de tantos e tantos vocábulos muito dele. Posso até vê-lo, vi-o assim muitas vezes, àquela luz baça e deserta dos personagens dos seus romances. Que ele tinha, que estava nele. Ou era ilusão nossa?

É pois uma unidade rara e difícil, essa. Viver o livro e escrever a vida, talvez esteja aí o segredo — mas isso só acontece àqueles que têm a felicidade de contar, em universo próprio e único, o tempo comum a todos nós. Encontramos então uma harmonia interna, uma coerência de visão onde o antes e o depois, o acto e a palavra, nascem em dolorosa irmandade e tudo se movimenta e se procura em novas expressões, livro a livro.

Quando agora releio Carlos de Oliveira há um sem-número de sinais da memória a latejar em cada livro, em cada verso muitas vezes. São breves cintilações em muitos casos, flashes dispersos numa amizade de trinta anos — o quarto da rua Latino Coelho que ele habitou nos primeiros tempos de Lisboa, mesmo em frente da empresa onde eu era tradutor; as noites dos bilhares do Rossio e a tertúlia do «Café Portugal»; o «Ribadouro»; tanta coisa, tanta coisa. E são também as referências aos dias de humilhação e de fraternidade numa sociedade totalitária e supersticiosamente inimiga da Cultura, essa resistência que está em toda a sua obra e no exemplo moral de escritor no sentido mais vertical da palavra.



Desenho de Carlos de Oliveira

De todo esse longo quotidiano de prepotências, censuras, mentiras e marginalizações recordo que foi ele um dos principais impulsionadores da ideia da formação da Sociedade Portuguesa de Escritores, acompanhando e entusiasmando Aquilino, que o admirava e ouvia como a nenhum de nós. E lembro-me, nunca poderei esquecer essa noite, quando os terroristas do fascismo assaltaram e destruíram a mesma Sociedade, o nosso centro de escritores: significativamente foi em casa de Carlos de Oliveira que nos encontramos com Augusto Abelaira, um dos visados pela ofensiva contra os intelectuais, que horas depois seria preso pela PIDE.

Escolho estes dois momentos com intenção. Eles marcam a fidelidade de Carlos de Oliveira às horas difíceis, correspondem ao princípio e ao fim duma obra a que esteve ligado desde a ideia à concretização e de que não se alheou no instante tempestuoso da derrocada. Isto, como sempre, com firmeza e numa serenidade quase apagada. O tal rigor de sobriedade de quem comparece no acto necessário e pelas razões que lhe são próprias: o escritor pela exigência do que escreve, o amigo pela companhia, o cidadão pelo protesto.

Até por isto, por este rigor e pela sobriedade que ele tanto prezava, é-me difícil, foi-me sempre difícil, dizer o que tão sentidamente me liga a Carlos de Oliveira e o muito que dele aprendi e desde quando. Tal como sempre aconteceu entre nós, o que é decisivo num escritor é árduo de mais para ser dito sem inquietação e não pode resumir-se a louvores de circunstância ou a comentários formais. Ler um escritor em que se acredita compromete, põe em desafio a nossa coragem e a confiança que temos em nós mesmos. Assim fazíamos. A cada novo livro nosso encontrávamo-nos a sós, em casa ou num sítio desacostumado, e enfrentávamos o texto com todas as nossas liberdades de leitura e todas as experiências que ele sugeria. Então, sim, Carlos de Oliveira ia ao assunto com a meticulosidade de alguém que, depois de tomar o peso à peça acabada, expõe as razões de valor, as fracturas ou as intenções menos conseguidas. Os veios do humor, a sua lucidez tão pessoal, os gostos culturais e a felicidade em associar a palavra ao visual vinham num discorrer repousado e medido, como se o texto alheio tivesse sido uma experiência que acabasse de viver na sua própria oficina.

Sei que cada escritor tem os seus métodos próprios e as suas maneiras, e eu só em duas ocasiões pedi a um camarada que me lesse o manuscrito dum livro, a Mário Dionísio, primeiro que todos, e a Carlos de Oliveira. Digo-o agora com gratidão e porque é altura de o dizer. Daí que tenha começado esta evocação pela revista *Vértice* e pelos escritores da minha aprendizagem. É que «tudo isto forma um todo», tudo isto faz parte da imagem de Carlos de Oliveira, esse tempo, essa vontade de mudar. Ele, como todos os grandes criadores, está em cada um de nós, seus companheiros. Está na lição da sua escrita e no exemplo da sua verticalidade. Na suspensão em que nos deixou a sua ausência e que procuramos preencher com a voz sempre renovada dos seus livros.